

Correntes do Pensamento Geográfico (Escolas Geográficas)

Diversas são as correntes metodológicas da Geografia, que refletem, de certa forma, o período de quando foram criadas e pensadas. No entanto, o conceito de geografia é deveras antigo, datando dos tempos de Heródoto e de Estrabão, que viam na delimitação espacial do território questões de extrema importância para as relações interestatais. No século XVIII, o filósofo Immanuel Kant, após escrever obra relacionada à geografia física, conferiu a esta matéria o caráter que a moldaria no século XIX, à época dos colonialismos e dos imperialismos, a geografia como ela é entendida atualmente. Pode-se dividir as correntes em contextos históricos distintos, como a época pré-unificação alemã (Geografia Tradicional), pós-unificação alemã (Geografia Humana/Política), período entre guerras (Geopolítica / Geografia Humana), mais recentemente com o advento da técnica (Geografia Pragmática) e, por fim, já no fim do século XX (Geografia Crítica).

Geografia Tradicional

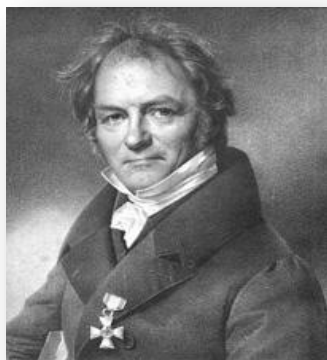


Os principais autores da Geografia Tradicional foram **Alexander Von Humboldt e Carl Ritter**.

Essa corrente foi a responsável pela esquematização da geografia, no sentido de dividir as diferentes áreas que a geografia seria responsável; por isso é conhecida como a corrente que imprimiu a dicotomia entre as possíveis geografias. Além disso, o método utilizado era baseado no empirismo puro

e simples, diferente das correntes posteriores. Enquanto a Geografia Física estudaria o quadro natural dos espaços, aproximando-se às ciências naturais, a Geografia Humana entenderia as relações humanas com o espaço.

Outra dicotomia se dá entre Geografia Geral e Regional, em que a primeira estudaria os fenômenos do mundo, subdividindo em categorias, como a geomorfologia e a hidrografia, a segunda, como se pode inferir de seu próprio nome, é aquela que estuda uma área limitada de um determinado espaço.



Determinismo Ambiental

Teoria formulada no século XIX pelo geógrafo alemão **Friedrich Ratzel** que fala das influências que as condições naturais exerceriam sobre o ser humano, sustentando a tese de que o meio natural determinaria o homem. Nesse sentido, os homens procurariam organizar o espaço para garantir a manutenção da vida.

O maior sinal de perda de uma sociedade seria a perda do território.

As afirmações de Ratzel estavam fortemente ligadas ao momento histórico que vivia, durante a unificação da Alemanha. O expansionismo do Império Alemão, arquitetado pelo primeiro-ministro da Prússia Otto Von Bismarck (1815-1898), foi legitimado pelas duas principais correntes de pensamento ratzeliano, o determinismo geográfico e o espaço vital (espaço necessário à sobrevivência de uma dada comunidade). A primeira explicaria a superioridade de algumas raças - nesse caso, a alemã -, que naturalmente se desenvolveriam mais do que outras, e a segunda justificaria a conquista de novos territórios para suprir a maior demanda de recursos para seu desenvolvimento, ou seja, ou expansionismo.



Friedrich Ratzel.

Os discípulos do determinismo foram além das proposições ratzelianas, chegando a afirmar que o homem seria um produto do meio. Defendiam que um meio natural mais hostil proporcionaria um maior nível de desenvolvimento ao exigir um alto grau de organização social para suportar todas as contrariedades impostas pelo meio. Ex: O inverno justificaria o desenvolvimento das sociedades europeias, que não tiveram grandes dificuldades em subjugar os povos tropicais, mais indolentes e atrasados. Essa ideia justificou o expansionismo neocolonial na África e na Ásia entre o fim do século XIX e o início do século XX. Pensamentos que, mais tarde, foram aproveitadas pelos cientistas e políticos da Alemanha Nazista.

Possibilismo Geográfico



Teve origem na França, com **Paul Vidal de la Blache**.

Enquadrado no pensamento político dominante, num momento em que a França tornou-se uma grande soberania, ele realizou estudos regionais procurando provar que a natureza exercia influências sobre o homem, mas que o homem tinha possibilidades de modificar e de melhorar o meio, dando origem ao possibilismo.

A natureza passou a ser considerada provedora de possibilidades e o homem o principal agente geográfico.

Geografia Regional ou Método Regional

Representou a reafirmação de que os aspectos próprios da Geografia eram o espaço e os lugares.

O método era comparar regiões, segundo critérios de similaridade e diferenciação.

Os geógrafos regionais dedicaram-se à coleta de informações descritivas sobre lugares, dividir a Terra em regiões.

As bases filosóficas foram desenvolvidas por **Vidal de La Blache e Richard Hartshorne**. Hartshorne não utilizava o termo região: para ele os espaços eram divididos em classes de área, nas quais os elementos mais homogêneos determinariam cada classe, e



assim as discontinuidades destes trariam as divisões das áreas. Este pensamento geográfico ficou conhecido como método regional.

Geografia Pragmática (Nova Geografia, Geografia Teorética ou Quantitativa)

Corrente de pensamento da década de 1950 que surgiu da necessidade de exatidão, através de conceitos mais teóricos e apoiados em uma explicação matemático-estatística.

As principais características dessa corrente geográfica são:

- Todo o conhecimento apoia-se na experiência (empirismo);
- Deve existir uma linguagem comum entre todas as ciências;
- Recusa de um dualismo científico entre as ciências naturais e as ciências sociais.
- Maior rigor na aplicação da metodologia científica;
- O uso de técnicas estatísticas e matemáticas;
- A investigação científica e os seus resultados devem ser expressos de uma forma clara, o que exige o uso da linguagem matemática e da lógica.

Foi usada como um forte instrumento de poder estatal, pois manipulava dados através de resultados estatísticos.

Predominou na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, principalmente na década de 1960 a meados de 1970. A partir da década de 1960, a Geografia Pragmática começou a sofrer duras críticas. Uma das principais críticas é o fato de não considerar as peculiaridades dos fenômenos, pois o método matemático explica o que acontece em determinados momentos, mas não explica os intervalos entre eles, além de apresentar dados considerando o "todo" de forma homogênea, desconsiderando, portanto, as particularidades.

Geografia Crítica ou Geografia Marxista

A referência a uma geografia crítica é feita com muita ênfase na obra "A Geografia - isso serve em primeiro lugar, para fazer a guerra", do francês **Yves Lacoste**.

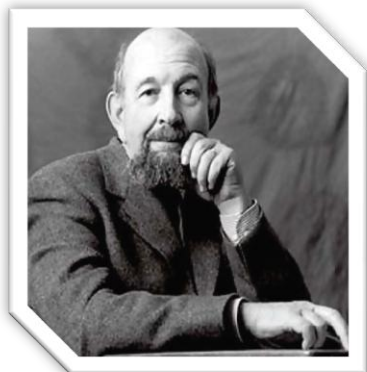
Essa corrente de pensamento geográfico surgiu na França, em 1970, e depois na Alemanha, Brasil, Itália, Espanha, Suíça, México e outros países.

Ganhou mais força na Alemanha, Espanha, França e Brasil, com um grande movimento de renovação da geografia na década de 80.

No Brasil, o grande nome da **Geografia Crítica foi Milton Santos**, que publicou os primeiros trabalhos da nova escola nesse país.

A Geografia crítica estabelece o rompimento da neutralidade no estudo da geografia e propõe engajamento e criticidade junto a toda a conjuntura social, econômica e política do mundo. Estabelece também uma leitura crítica frente aos problemas e interesses que envolvem as relações de poder e pró-atividade frente às causas sociais, defendendo a diminuição das disparidades socioeconômicas e diferenças regionais. Defendia ainda a mudança do ensino da geografia nas escolas, ao estabelecer uma educação que estimulasse a inteligência e o espírito crítico.

O pensamento crítico na geografia significou, principalmente, uma aproximação com os movimentos sociais, principalmente na busca da ampliação dos direitos civis e sociais, como o acesso a educação de boa qualidade, a moradia, pelo acesso à terra, o combate à pobreza, entre outras temáticas.



Geografia Humanística ou Cultural

Tem como base os trabalhos realizados por **Yi-Fu Tuan, Anne Buttimer, Edward Relph**.



A Geografia Humanística ou Cultural procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares, ou seja, a cultura dos grupos sociais.

Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona.

Os geógrafos culturais argumentam que sua abordagem merece o rótulo de "humanística", pois estudam os aspectos do homem que são mais distintamente humanos: significações, valores, metas e propósitos (Enrikin, 1976).

O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado no qual está integrado, tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas.

O espaço envolve um complexo de ideias. A percepção visual, o tato, o movimento e o pensamento se combinam para dar o sentido característico de espaço, possibilitando a capacidade para reconhecer e estruturar a disposição dos objetos.

A integração espacial faz-se mais pela dimensão afetiva que pela métrica. Estar junto, estar próximo, significa o relacionamento afetivo com outra pessoa ou com outro lugar. Lugares e pessoas fisicamente distantes podem estar afetivamente muito próximos.

O estudo do espaço é a análise dos sentimentos e ideias espaciais das pessoas e grupos de pessoas. Valoriza-se o contexto ambiental e os aspectos que redundam no encanto e na magia dos lugares, na sua personalidade e distinção.

Geografia Ambiental

Ramo da geografia que descreve os aspectos espaciais da interação entre humanos e o mundo natural. Requer o entendimento dos aspectos tradicionais da geografia física e humana, assim como os modos que as sociedades conceitualizam o ambiente.

Emergiu como um ponto de ligação entre a geografia física e humana como resultado do aumento da especialização destes dois campos de estudo.

Como a relação do homem com o ambiente tem mudado em consequência da globalização e mudança tecnológica, uma nova aproximação é necessária para entender esta relação dinâmica e mutável.

Exemplos de áreas de pesquisa em geografia ambiental incluem administração de emergência, gestão ambiental, sustentabilidade e ecologia política.

Princípios Geográficos (Século XIX)

No século XIX, do surgimento da Geografia como ciência, fez-se necessária a fixação de princípios metodológicos, que conferem-lhe o devido caráter científico. Os princípios formulados são os seguintes:

• **O PRINCÍPIO DA EXTENSÃO**, concebido por Friedrich Ratzel (1844-1904). O princípio reza que é preciso delimitar o fato a ser estudado, localizando-se-o na superfície terrestre.

• **O PRINCÍPIO DA ANALOGIA**, também chamado Geografia Geral, exposto por Karl Ritter (1779-1859) e Paul Vidal de La Blache (1845-1918). Estes autores mostraram que é preciso comparar o fato ou área estudada com outros fatos ou áreas da superfície terrestre, em busca de semelhanças e diferenças.

• **O PRINCÍPIO DA CAUSALIDADE**, formulado por Alexander von Humboldt (1769-1859), que diz respeito à necessidade de explicar o porquê dos fatos.

• **O PRINCÍPIO DA CONEXIDADE OU INTERAÇÃO**, apresentado por Jean Brunhes (1869-1930). Segundo ele, os fatos não são isolados, e sim inseridos num sistema de relações, tanto locais quanto interlocais.

• **O PRINCÍPIO DA ATIVIDADE**, formulado também por Brunhes, que afirma ter os fatos um caráter dinâmico, mutável, o que demanda o conhecimento do passado para a compreensão do presente e previsão do futuro.

O objeto material da Geografia é a Terra, a superfície terrestre, e seu objeto formal são as relações aí processadas. Com outras palavras, o objeto formal da Geografia é o estudo das relações locais (verticais) de fatores que diferenciam um lugar de outro, e das relações horizontais entre os lugares ou áreas.

→ MÉTODOS GEOGRÁFICOS QUANTITATIVOS

A Geoestatística trata de análise quantitativa, especificamente a aplicação da metodologia estatística à exploração de fenômenos geográficos. Geoestatística é utilizada extensivamente em uma variedade de campos incluindo: hidrologia, geologia, exploração de petróleo, análises climáticas, planejamento urbano, logística e epidemiologia. A base matemática para a geoestatística deriva da análise de clusters, análise linear discriminante e testes estatísticos não-paramétricos. Aplicações da geoestatística dependem muito dos Sistemas de Informações Geográficas, particularmente da interpolação (estimativa) de pontos não-medidos. Geógrafos têm feito contribuições notáveis ao método das técnicas quantitativas.

→ MÉTODOS GEOGRÁFICOS QUALITATIVOS,

ou técnicas de pesquisa etnográficas são utilizados pelos geógrafos. Na geografia cultural há uma tradição do emprego de técnicas de pesquisa qualitativa, também utilizada na antropologia e na sociologia. Observações participativas e entrevistas em campo fornecem aos geógrafos humanos dados qualitativos.